

## **Aconselhamento pastoral *on-line* com adolescentes**

**Valburga Schmiedt Streck\***

**Resumo:** Este estudo descreve o uso da internet por adolescentes e o significado do cuidado pastoral. A internet é apresentada como um ambiente real em que crianças e jovens podem encontrar sentido, significado, ajuda e orientação. O foco neste estudo não é o aconselhamento pastoral no modelo do aconselhamento pastoral por telefone. O texto centra em torno da auto-organização dos jovens e do desenvolvimento da resiliência como uma possibilidade de conseguir conviver num mundo sempre mais caótico.

**Resumen:** Este estudio describe el uso de la Internet por adolescentes y el significado del cuidado pastoral. La Internet es presentada como un ambiente real en que niños, niñas y jóvenes pueden encontrar sentido, significado, ayuda y orientación. El foco en este estudio no es la consejería pastoral en el modelo de consejería pastoral por teléfono. El texto se centra en torno de la auto-organización de los jóvenes y del desenvolvimiento de la resiliencia como una posibilidad de conseguir convivir en un mundo siempre más caótico.

**Abstract:** The article describes the use of the Internet by adolescents and the meaning of pastoral care. The Internet is presented as a living environment, where children and adolescents may find meaning, stability and orientation. The focus is not put on forms of pastoral care in the traditional settings like pastoral care by telephone. It is centered around ways of self-organization of adolescents and the development of resilience as a possibility of survival in an ever increasingly chaotic world.

---

\* Dra. Valburga Schmiedt Streck é professora na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS.

Uma reflexão sobre aconselhamento pastoral *on-line* com adolescentes requer um olhar para a grande mudança cultural em curso que afeta diretamente estas gerações. Também é preciso entender como as novas mídias são usadas e quais os significados que têm na sua vida. Quando falamos em internet, descobrimos um material cada vez maior de literatura e um aumento de usuários. Infelizmente ainda há pouca literatura sobre o aconselhamento *on-line*, e isto mostra que o tema ainda é recente e precisa ser desenvolvido. O objetivo principal neste texto é refletir sobre o significado do aconselhamento pastoral *on-line* com adolescentes, buscando entender como eles usam a internet e, ao mesmo tempo, como ela serve como um lugar onde acham sentido para um mundo cada vez mais confuso. Entendo que o mundo da *web* através da internet traz ao adolescente um espaço vital onde ele consegue dar sentido a um mundo com tantas incertezas em que vive. Esta capacidade de enfrentar a vida apesar dos acontecimentos que tendem a desestabilizar o cotidiano através de condições difíceis é chamada resiliência. Entendo que os adolescentes, formando redes *on-line*, encontram forças para serem resilientes. Por isso, o aconselhamento pastoral *on-line*, através dos obreiros da igreja cristã, pode ter uma tarefa especial com adolescentes e suas famílias reconhecendo as possibilidades e os sentidos que o mundo virtual oferece.

As novas gerações de crianças e adolescentes<sup>1</sup> estão sendo socializadas fora dos padrões tradicionais, e, com isso, surgem personalidades mais complexas e menos seguras de si, porém mais capazes de se adaptarem a papéis constantemente em mutação. Entre as grandes mudanças sociais que ocorreram, temos a entrada das mulheres no mercado do trabalho. Como o mercado de trabalho exige sempre mais tempo do trabalhador, a vida familiar e os relacionamentos afetivos vão se tornando uma negociação difícil. O tempo para família é visto como desinteressante para o empregador que exige sempre mais de seus funcionários. Isso faz com que os laços de dependência dos filhos para com os pais também vão se diluindo. As crianças, desde a mais tenra idade, são expostas a ambientes estranhos e necessitam se adaptar a eles. O papel educativo da família enfraquece, e a rede social ou comunitária se atomiza em vários contextos vitais menores. Em vez de

---

<sup>1</sup> Na maioria das vezes, irei me referir a adolescentes. A delimitação de idades se torna mais difícil considerando que a puberdade começa mais cedo e muitos estudiosos consideram adolescentes os sujeitos a partir de 9/10 anos. Já por juventude pode ser entendida a população de 17 até os 29/30 anos. Quando falo da geração de adolescentes, irei me referir à população que tem aproximadamente 9/10 a 17 anos.

ter uma comunidade, o indivíduo passa a ter várias e ele tem que construir sempre de novo suas redes de relações. Ao mesmo tempo em que é necessário que os indivíduos sejam capazes de se integrar nas diversas redes sociais na fase vital, também devem ser capazes de planejar de tal forma a sua vida para que possam atingir seus objetivos, enfrentar fracassos e ter energia para recomeços. Antes, na sociedade tradicional, a vida era mais ou menos planejada dentro de uma comunidade que se conhecia e onde os papéis eram definidos e desempenhados de acordo. Agora a liberdade oferecida ao indivíduo traz benefícios, mas também seus riscos, pois no mundo em que ele se encontra tem pouco a dizer<sup>2</sup>. Nos dias atuais, tudo parece ser contra o permanente. O que antes era definido nas comunidades, na família, nas classes sociais, agora é decidido, interpretado e trabalhado pelo indivíduo. Nos anos 50/60, era esperado pela família e pela comunidade que os jovens casassem e que o casamento durasse até a morte de um dos cônjuges. Hoje se discute seriamente sobre isso e os casais separam quando o casamento não agrada mais. Assim, crianças e adolescentes vivem num mundo obsoleto onde seus pais ainda têm biografias que foram construídas num outro modelo cultural e se ajustaram a um novo modelo em curso. Significa que para as novas gerações praticamente não existem modelos orientadores. Isso faz com que as crianças e os jovens se tornem “arquitetos do seu próprio futuro” e se sintam órfãos de modelos seguros.

Este processo de “individualização” como um fenômeno da pós-modernidade onde as pessoas constroem suas biografias é mais viável num sistema social e econômico que torna isso possível, como acontece nos países desenvolvidos. Em países em desenvolvimento, este processo de individualização se torna mais difícil, porque as políticas sociais são fragmentadas e não permitem que todas as pessoas tenham as mesmas condições no acesso às necessidades básicas. A classe social que tem acesso aos bens de consumo tem mais possibilidade de construir sua biografia. As classes sociais mais baixas, com as limitações que enfrentam, tentam realizar suas biografias de forma diferente que os seus colegas das classes mais abastadas: a maternidade começa cedo para as moças, e o estudo é abandonado, em geral, no início da adolescência. Se o jovem da classe média tem

---

2 Confira BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth (Org.). **Riskante Freiheiten**: Individualisierung in modernen Gesellschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994; BEEHORST, Joachim; DEMIROVIĆ, Joachim; GUGGEMOS, Michael (Org.). **Kritische Theorie im gesellschaftlichen Strukturwandel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

sonhos de um futuro com muitas realizações, o jovem da favela pensa no presente e na sobrevivência<sup>3</sup>.

Os meios de comunicação e a maneira como são usados, principalmente entre a população jovem, são outro aspecto importante nessa mudança cultural em curso. Os telefones celulares oferecem recursos como acesso à internet que possibilita o envio de e-mail, fotos e vídeos. Além disso, o número de adeptos de *webblogs* e *fotoblogs* que a internet oferece está em crescimento surpreendente. A intimidade e a privacidade que as gerações anteriores cultivaram e que eram requisitadas pelo contexto social cedem espaço para o “eu” espetacularizado com recursos de performance. A vida íntima dos sujeitos é colocada na rede e também mostrada através de fotos e filmes pessoais não apenas para suas redes sociais, mas ao público em geral como um espetáculo ao estilo de Hollywood. O íntimo das pessoas é como um show. Cada um mostra ao público o que é. Assim, o que antes era considerado pudor e segredo, nos dias atuais é público, pois se fica sabendo das depressões, da vida sexual, do lazer de pessoas que nunca vimos pessoalmente.

Surge a pergunta até onde vão os limites desta subjetividade interiorizada, e certamente não se tem uma resposta ainda. O certo é que esta geração está lidando de maneira diferente com as relações sociais e vai ter uma memória de suas relações sociais muito mais documentada do que as gerações anteriores possuíram.

### **Estamos na galáxia da internet?**

Provavelmente ninguém teria imaginado há alguns anos que a internet se tornasse um meio de comunicação tão apropriado para as práticas sociais como está se revelando. Ela se liga diretamente à vida de trabalho, à vida das famílias e redes sociais. Os adolescentes descobrindo sua identidade fazem dela um instrumento que já rendeu muita pesquisa e estudos que revelaram que a preocupação de que a internet isolaria as pessoas do mundo real cai por terra. Parece um fato que todos nós sempre mais estamos vivendo na “galáxia da internet”, conforme o sociólogo Castells. Através da internet, conseguimos nos comunicar em rede, eliminando a distân-

---

3 STRECK, V. Schmiedt. Jugend im brasilianischen Kontext: Erwägungen über ein neues Forschungsfeld. In: MERKENS, H.; ZINNECKER, Jürgen (Ed.). **Jahrbuch Jugendforschung**. Berlin: Leske e Budrich, 2005. v. 5, p. 273-294.

cia física e sem estar preso a uma forma organizada central de sistemas. As novas comunidades virtuais que começam a surgir são denominadas “comunidades virtuais”, e com estas as relações sociais vão sendo adaptadas. É um novo paradigma se impondo que traz conseqüências para a sociedade atual, quer seja no campo político, cultural, social, econômico ou eclesial. A transformação no mundo faz com que as redes horizontais se sobreponham às verticais que tinham como base uma estrutura hierárquica e autoritária. A internet é uma conseqüência dessas mudanças e ela toma conta de toda a sociedade. Lembro que a cultura da internet surge primeiro através de *hackers* os quais, numa interação *on-line*, vão colaborar num projeto em comum para destruir um sistema (alheio) que invadiram.

Ao oferecer às pessoas um suporte para um “individualismo em rede”, a internet vai se tornando uma forma comum de sociabilidade. As pessoas não se tornaram anti-sociais e incapazes de se relacionar com o mundo fora do mundo virtual, e o individualismo em rede é uma sociabilidade na nova cultura que surge. Os indivíduos escolhem a internet para contatos com mundos diferentes. Pode ser que o internauta nunca veja a pessoa com quem se comunica ou quem sabe talvez tenha algum contato presencial com o outro num dado momento. A isso se chama de um “padrão de sociabilidade específica”. Quer dizer que atrás da tela não está escondida uma pessoa doida que não quer ser encontrada, mas sim uma pessoa que optou por este tipo de socialização e interação<sup>4</sup>.

Olhando deste prisma, não fomos vítimas de um determinismo tecnológico que veio transformar nossas vidas, porque a tecnologia da internet se propaga por vários elementos que se conjugaram em fins do século passado. Estes são a exigência da flexibilidade administrativa da economia, a necessidade de liberdade individual, uma comunicação aberta e os avanços das telecomunicações. Com isso, temos uma explosão do sistema de comunicações: em 1995, quando a *web* é disseminada no mundo, 16 milhões de pessoas estão conectadas; em 2001, mais de 400 milhões estão conectados; em 2005, 1 bilhão se conectaram, e a previsão é de que em 2010 haja 2 bilhões conectados. A internet se torna um importante instrumento de práticas sociais na medida em que a sociedade tem necessidade dela para ir adiante. Parece que o indivíduo constrói a *web* conforme a sua imagem, e se “surfamos” podemos encontrar de tudo como em um grande mercado

---

4 Confira CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. São Paulo: Zahar, 2003.

caótico: há propagandas e expressões políticas, redes de socialização pessoal, pesquisas de informação comercial, serviços de aconselhamentos, movimentos sociais, informações diversas sobre cirurgias plásticas para aumentar e diminuir partes do corpo, até propagandas nazistas, clínicas de clones ou pedofilia. É possível fazer *download* de músicas e filmes ou, quem sabe, participar de um leilão. É um espaço aberto que não pode ser controlado, e isso preocupa muita gente, entre eles os políticos.

Diante da concepção de que a internet traz uma sociabilidade de um individualismo em rede, ela também estabelece a possibilidade de uma hospitalidade onde a tríade de dar, receber e retribuir está presente e acontece via rede de forma integral ou não. É possível sentir-se perto do outro mesmo que haja um computador no meio. Um exemplo de como a hospitalidade que tem em seu bojo o dar, receber e retribuir acontece é o relato de um jovem norte-americano que descobre que a tranca de sua bicicleta pode ser aberta com uma tampa de caneta. Ele coloca a informação no seu *blog* e anexa um vídeo de como abrir a tal tranca. O *blog* sem demora estava cheio de mensagens de usuários tentando verificar as trancas de suas bicicletas, e em questão de horas o assunto era tema de *chats* e discussões em diferentes continentes, e é claro que a firma que construiu a tranca também se manifestou. A internet então vai tendo um efeito positivo na interação das pessoas. Estudos cada vez mais indicam que, ao invés de se isolarem, os internautas se comunicam mais com familiares, amigos e pessoas que conhecem na rede. Esta comunicação pode ser virtual ou presencial.

Infelizmente o lado negativo é o aumento de exclusão social que ela causa, principalmente da população pobre, que não precisa estar necessariamente no sul do planeta. Temos redes horizontais de internautas conectados pelos cinco continentes, como temos pessoas sem condições de se conectar no mesmo continente ou morando numa mesma cidade, seja num país do Norte ou do Sul. Se o computador é caro, também é cara a conexão a um telefone e à banda larga. Com boa vontade dos governos, estes obstáculos podem ser superados. O governo brasileiro, por exemplo, adquiriu laptops para escolas a preços em torno de 100 U\$, e já há experimentos para fazer a conexão via eletricidade sem uso de linha telefônica ou via rádio. Os custos neste caso são baixos e permitem a inclusão necessária. Para Castells<sup>5</sup>, entre os desafios que se colocam estão: a inclusão das pessoas ex-

---

5 CASTELLS, 2003, p. 225.

cluídas da rede; a liberdade que as pessoas têm de se comunicar livremente sem serem controladas e vigiadas (espera-se que esta liberdade não seja usurpada e que não surjam políticas de policiamento e restrições) e, por último, a tarefa educativa para que as pessoas sejam capazes de processar a informação de dados e gerar novos conhecimentos. Parece que há uma movimentação para um novo contrato social que exigirá uma reestruturação em todos os níveis, no uso da rede, a começar pela escola.

### **Redes e comunidades virtuais**

A comunicação através de comunidades virtuais tem se desenvolvido numa grande velocidade em todo o planeta. Por exemplo, os assim chamados *weblogs*, muito usados pelas empresas e por seus empregados e clientes para gerar negócios, estão desencadeando uma verdadeira revolução. Há mais de 27,3 milhões de *blogs*, e certamente este dado em tempo atual já está ultrapassado. Funcionando como uma comunicação bidirecional, os visitantes podem “postar” seus comentários gerando debates que vão e voltam. Esta facilidade em comunicação que a internet oferece faz com que também sempre mais crianças e jovens sejam adeptos de espaços virtuais onde uns interagem com os outros. Um dos *sites* de relacionamentos mais populares é o Orkut<sup>6</sup>, com mais de 14 milhões de usuários, dentre os quais encontramos 72,51% de brasileiros. Entre os outros países há, por exemplo, 11,04% de usuários dos Estados Unidos da América, 2,84% da Índia, 0,60% do Reino Unido, 0,46% do Canadá, além de outros países. É interessante observar que 56,58% dos usuários têm entre 18 a 24 anos e apenas 2,35% têm mais de 50 anos. Destes, 41,90% são solteiros. Um total de 83,04% entra no *site* para procurar amigos, enquanto que 30,22% buscam contatos profissionais. O objetivo maior do Orkut é oferecer a possibilidade de fazer contatos<sup>7</sup>.

O Orkut é considerado um “software social”<sup>8</sup> que foi criado por Orkut Buyukkoten em 2004 e é um sistema sem custos que permite a entrada

---

6 Confira [www.orkut.com](http://www.orkut.com). O *site* mais popular entre americanos é My Space ([www.myspace.com](http://www.myspace.com)), onde se encontram 65 milhões (a maioria jovens) de pessoas, milhares de bandas de rock, artistas de cinema e marketeiros pedindo por atenção.

7 Segundo o levantamento realizado pelo Nielsen/Netratings, o Brasil foi o país que mais ganhou usuários residenciais no mês de fevereiro, com um crescimento de 10%, totalizando 13,2 milhões de usuários. (dados de 27 de março de 2006 – [www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)).

8 Cf. RECUERO, Raquel. RECUERO, Orkut rede social. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body\\_suely\\_2003.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_suely_2003.htm)>.

mediante o convite de uma pessoa já cadastrada nele. Mesmo que proibido para menores de 18 anos, sabe-se que os jovens são os maiores adeptos desse *site* e que o número de crianças também vai crescendo. Este *site* funciona por comunidades e perfis. A pessoa cadastrada pode criar um perfil e indicar a amigos bem como criar comunidades que agregam grupos como fóruns de discussão ou mensagens. A interação que acontece pode ser mútua – as pessoas escrevem e dão testemunhos – ou interativa, quando se pede algo para o outro, como no caso de fazer parte de sua comunidade e ser seu amigo. Atualmente há mais de 140 mil comunidades no Orkut, e essas tendem a aumentar, já que qualquer pessoa pode criar uma nova comunidade. Entre os jovens, o Orkut se tornou um *Orkut way of life*, superando o uso dos e-mails. Interessante é que, muitas vezes, é toda a família que se encontra nesse *site* de relacionamento.

Navegar por um *site* de relacionamento é como caminhar numa rua com muito trânsito. Há inúmeros relatos de crianças e jovens que acabam sendo inseridos em *bullying* virtual, em que como vítimas não conseguem se defender e os seus agressores não são atingidos pela lei. Muitas vezes, as crianças colocam seus nomes, endereços e telefones no *site* e identificam onde estudam e onde transitam. Isso permite que pessoas mal intencionadas descubram suas identidades e elas podem ser vítimas de abuso e crimes. Muitas vezes, os próprios pais colocam seus filhos em *sites* e nem se apercebem dos riscos. Quando os pais estão separados, pode acontecer que, ao estar na casa de um dos pais, a criança ou o jovem tenha acesso irrestrito à internet, enquanto que o outro pai não faz idéia do que o filho está realizando. Um outro aspecto é que crianças e jovens se tornam aficionados pela internet. Para ilustrar, citamos o caso de Ana de 16 anos. Durante o dia, fica nove horas na frente do computador e os pais acham que é muito estudiosa. Na realidade, ela é *e-maildependente*, o que quer dizer que ela não consegue parar de ler seus e-mails. Ana teve sua primeira conta de e-mail aos 12 anos e hoje tem 18 endereços, cada um servindo para um fim diferente, e ela responde a todos. Além disso, ela tem três perfis no portal Orkut e uma conta no MSN *messenger*. Para atender a toda essa rede de comunicações, a jovem precisa de muitas horas. Uma pesquisa da Dynamic Markets realizada na Europa e na Ásia mostrou que 75% dos entrevistados admitiram não conseguir ficar muito tempo longe do e-mail.

Infelizmente este é o lado negativo. Por outro lado, temos que reconhecer que tanto no Orkut como nos *blogs* as pessoas de diferentes gerações encontram amigos, estreitam laços e recebem apoio e solidariedade. No Orkut, por exemplo, há comunidades de parentes e amigos que se reen-



contram depois de muitos anos separados ou que nunca se encontraram e, no ambiente virtual, mandam fotos e eventualmente falam e se enxergam através de *webcams*. A rede de solidariedade também chama atenção entre os jovens. Cito o exemplo de um jovem que estava gravemente enfermo com leucemia e necessitava de transfusão de sangue. Uma amiga imediatamente acionou sua comunidade virtual e, em pouco tempo, doadores estavam a postos no hospital onde o jovem estava internado para doar sangue. Há outros exemplos de como ajudar alguém a achar um emprego, dar orientações sobre algum problema, ajudar em alguma pesquisa, orientações sobre saúde, e assim por diante. O que chama atenção no Orkut também é a maneira de interação em comunidades familiares. Por exemplo, há uma família que mora nos Estados Unidos. Há alguns anos, enquanto os filhos eram pequenos, eles moraram no Brasil. Os pais da mãe são alemães que migraram ao Brasil quando ela era pequena. No Orkut eles têm uma comunidade onde a família se identifica e interage com os amigos e parentes dos três países em língua inglesa e portuguesa. Lá encontramos fotos, notícias, diálogos, etc. tanto dos pais e dos filhos, bem como dos parentes e amigos. Num mundo de grande mobilidade social, essa é uma das maneiras encontradas para se manter atualizado e em constante interação. Também é interessante procurar as igrejas na comunidade virtual. Em especial olhei para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e encontrei algumas comunidades no Orkut. Nenhuma era uma comunidade oficial da igreja, mas de membros que decidiram criar ali um espaço. Numa das comunidades alguém (aparentemente um jovem) escreve: “Como estou feliz em encontrar minha igreja aqui!”. Percebe-se que era uma pessoa que como eu havia digitado o nome da igreja e ficou radiante ao ver que também a igreja se encontrava nessa “galáxia”. Um outro jovem disse: “Meus pais são luteranos. Eu nunca vou à Igreja, mas me sinto luterano e confesso que me sinto assim, porque aprendi valores importantes para minha vida”.

Há muitas outras redes onde jovens e crianças têm acesso e passam o tempo. Parece que temos uma realidade totalmente diferente na rede protegida e especialmente desenvolvida para adolescentes – a rede Lizzy<sup>9</sup> (uma iniciativa do Ministério da Educação e Pesquisa da Alemanha e da Telekom alemã) – onde há 76.644 membros cadastrados. O objetivo principal é a possibilidade de comunicação além de informações e possibilidades educativas. As garotas podem se envolver em *chats* umas com as outras, trocar

---

9 Veja [www.lizzynet.de](http://www.lizzynet.de).

informações e se orientar. Percebe-se o processo pedagógico em seu bojo, e a concepção dos conteúdos é de tal forma que os faz ir ao encontro do dia-a-dia das Lizzys, onde assuntos como família, amor e amizade podem ser discutidos, mas também as envolve em debates sobre paz, cursos *on-line* e grupos de estudo. Nessa rede, os adultos não participam nem os meninos. É um lugar reservado para as adolescentes. Nesta rede, Schachtner<sup>10</sup> observou que não há uma separação entre o mundo virtual e o mundo real. Na comunicação *on-line*, elas sabem distinguir o humor umas das outras mesmo não podendo se ver. Dependendo de como uma saúda as outras ao entrar no *chat*, sabe-se se está de bom humor ou se há algum problema. Muitas meninas se encontram na escola e se identificam. Interessante é que na vida off-line elas também continuam com a sua comunicação iniciada *on-line*.

### Aspectos psicossociais e suas implicações para o aconselhamento *on-line*

Com o avanço do *cyberspace*, estamos testemunhando a fusão de duas forças poderosas e provocativas: a psicologia e a tecnologia<sup>11</sup>. Ao entrar no novo milênio, a humanidade se confronta com a mais dramática adaptação, onde os padrões de interação são redefinidos e os processos grupais mudam. As comunidades se reestruturam. O mundo virtual e o real se fundem. O mundo real é simulado no virtual. O *self* é partido em várias direções devido ao fato de que se pode adotar distintas identidades e padrões. O sexo é redefinido como mera experiência de fantasias e carícias virtuais.

---

10 C. Schachtner coordenou um projeto de estudo sobre empoderamento de mulheres e moças em redes virtuais. Confirma SCHACHTNER, C. **Zukunftsworkshop E-Network**: Kommunikation und Gemeinschaftsbildung in virtuellen Frauen- und Mädchenräumen. Philipps-Universität Marburg. Klagenfurt: Loibnegger, 2004.

11 Observo que, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP – [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)) proibiu a realização de atendimentos psicoterapêuticos por internet. As consultas permitidas são apenas para orientação sexual, orientação profissional, reabilitação e consultorias e processos de seleção empresarial. Uma das argumentações para tal parece ser que não há nos cursos de formação na área da saúde uma formação específica para tal. Já nos Estados Unidos o aconselhamento *on-line* começa a ser uma demanda e um tema relevante entre os profissionais da área. Confirma: KRAUS, Ron et al. **Online Counseling: A Handbook for Mental Professionals**. Elsevier, 2004; FINK, J. **How to use Computers in the Clinical Practice of Psychotherapy**. Jason Aronson, 1999; MALLEEN, M. et al. **The Practical Aspects of Online Counseling: Ethics, Training, Technologies and Competency**. **The Counseling Psychologist**, v. 33, n. 6, p. 776-818, Nov. 2005.

É preciso considerar como as tensões se adaptam emocionalmente a este novo mundo. Padrões de interação estão surgindo com conceitos de netiqueta<sup>12</sup> bem como com uma lista de protocolos que vão sendo introduzidos no cotidiano das pessoas. Surge assim uma nova psicologia. As pessoas saem de um anonimato e estão na rede expostas na frente de milhares de expectadores. A saída do anonimato também estimula o desencadeamento de comportamentos agressivos devido à ausência de contenção no *cyberspace*.

É importante ressaltar que a fusão entre a psicologia e a tecnologia é um evento que está acontecendo e não está sendo desenhado. São sistemas através dos quais milhares de pessoas, velhas e jovens, entram regularmente no *cyberspace* e se comunicam. Desta forma ocorre uma socialização, e surge, ao mesmo tempo, a oportunidade de superar muitos problemas de ordem social. O *cyberspace* oferece ao aconselhador a oportunidade de acompanhar o seu paciente. Por exemplo, num acompanhamento é possível fazer um *follow up* com o cliente no *cyberspace* e observar comportamentos e práticas sociais no momento em que eles ocorrem. O ambiente eletrônico não muda a natureza humana, mas pode ajudar a pessoa a ver maneiras diferentes de se comunicar. A comunidade virtual é semelhante à comunidade real – há bons e maus comportamentos.

No meu entender, o *cyberspace* oferece muitas possibilidades para o aconselhamento. Vai depender muito da criatividade e da disposição do aconselhador em entrar no espaço virtual. Por exemplo, as redes sociais e suas relações ou a exploração do fluxo das informações são importantes fontes de consulta, pois permitem ver os efeitos que estas têm nas pessoas e organizações. Pode-se verificar como as pessoas formam coalizões, adquirem recursos e como os conflitos operam.

A cada dia que passa, as comunidades virtuais se espalham com grande velocidade num já congestionado *cyberspace*, e surgem novas comunidades que providenciam fóruns, que deixam os *netizens* usar sua imaginação e múltiplas identidades para construir suas casas de sonhos virtuais. As comunidades estão se tornando tão extensas que nem parecem mais comunidades, mas grandes metrópoles. E, nesse mundo virtual, tem-se observado que os comportamentos das pessoas mudam, por exemplo: as mulheres e homens são menos inibidos; trocar de sexo é comum; assumir múltiplas

---

12 É a etiqueta que se recomenda observar na internet.

identidades é comum e prática aceitável; muitos usuários do espaço virtual abandonam sua vida real e passam mais horas no mundo virtual; pessoas tendem a ser mais simpáticas; as pessoas usam mais a narrativa.

Talvez uma das induções mais poderosas é o uso da narrativa. Cada um tem sua história. E a narrativa no mundo virtual se torna um processo compartilhado na comunidade. Assim, temos pessoas de diferentes lugares geográficos que se encontram e compartilham interesses comuns. Percebe-se que há uma colaboração casual. As pessoas usam metáforas físicas para construir um contexto de interação social. Neste comunicar-se, as pessoas apóiam-se na comunicação sincrônica e assincrônica. Por exemplo, os adolescentes podem falar, flertar, argumentar, competir, jogar *on-line* sem se preocupar com a acne no rosto ou se são muito altos ou baixos, gordos ou magros.

Observa-se também que as crianças e jovens sabem mais sobre computadores do que seus pais. E também há muitos *sites* de orientação para adolescentes e crianças. São espaços onde elas podem ir para *chat*, e-mail e *web* fóruns. Na psicoterapia *on-line* com crianças, alguns terapeutas, ao acompanhar seus clientes em comunidades *on-line*, ajudam os pais na orientação de seus filhos. Uma jovem, ao falar de sua *homepage*, tentou explicar para o terapeuta que a sua página é para o mundo e a sociedade da internet o que a casa é para a moderna sociedade tangível. A pessoa convida seus hóspedes a conversar. Inicia um relacionamento ou simplesmente compartilha algumas mensagens. Pode oferecer um chá, mostrar fotografias e algumas notícias de sua família. Assim ela cria uma identidade pública. Ela pode convidar os seus hóspedes para voltar numa próxima sessão para compartilhar filmes e músicas, por exemplo. Como não vamos aceitar um convite para entrar nesta casa?

E, dentro desta perspectiva, o *webblog* publica o “eu” diário e reconstruído do indivíduo. Ele traz a reconfiguração da identidade particular de cada dia. O *layout* de um *blog* também faz parte desta visão do “eu” que vai desde as cores e os elementos escolhidos. Isso faz com que o *website* pessoal passe pela percepção de si mesmo que é aumentada pela capacidade de sempre ser atualizado. Nesse aspecto, parece que a internet supre uma lacuna da vida real onde as pessoas não se encontram mais para socializar. Muitos acham que ela é o substituto dos cafés franceses, trazendo de volta uma sociedade vibrante.

## **Resiliência e a internet: um caminho para o aconselhamento pastoral?**

Entre os profissionais de ajuda, há uma crescente conscientização de que o contexto em que as pessoas vivem é importante, e que elas possuem recursos próprios para reconstruir suas vidas a partir dali. Com isso, a posição hierárquica no processo de ajuda vai se tornando obsoleta, porque se reconhece a capacidade dos endereçados a ter autonomia na sua prática de vida. O objetivo é a reconquista e a soberania das pessoas sobre suas próprias vidas. Na área da psicologia, temos a perspectiva da Psicologia Positiva, que tem como objetivo ajudar os profissionais da área a terem uma visão mais positiva dos potenciais humanos. Na área da pedagogia, o movimento de alfabetização de Paulo Freire que visa ao conceito da conscientização tem influenciado muito para essa compreensão, pois teve como objetivo capacitar as pessoas a compreender o mundo de forma crítica e a se tornarem sujeitos no contexto social e político onde vivem.

Além da área da saúde, também a pedagogia está dando atenção especial para entender como as pessoas, mesmo enfrentando adversidades muito grandes, conseguem passar por elas e seguir adiante. Percebeu-se que as pessoas têm dentro de si forças para superar os mais duros golpes do destino. Quer-se compreender o ser humano de forma mais positiva ao invés da perspectiva do enfoque médico patológico. Denominada de “resiliência”, esta forma de abordagem é vista como uma nova cultura de ajuda. A resiliência é entendida como uma capacidade inerente do indivíduo. Diz-se que cada pessoa tem a capacidade de resiliência, mas há uma variação de pessoa a pessoa e em diferentes contextos. Já existem muitos estudos para entender os padrões de adaptação em fases de desenvolvimento e a interação dos indivíduos com as mudanças do ambiente externo. Observou-se que uma porcentagem significativa de crianças e adolescentes de famílias de alto risco, como pobreza, baixa escolaridade, drogadição ou doença mental dos pais, conseguiram se tornar adultos competentes apesar de todo estresse.

Em si a resiliência não é um traço fixo individual nem algo para toda a vida. Quando mudam as circunstâncias, também há uma alteração na resiliência. Na observação de crianças, verificou-se que elas são resilientes de diferentes formas em determinados contextos. Pode-se dizer que a resiliência é vista como uma capacidade que uma pessoa ou um grupo tem para seguir se protegendo no futuro apesar dos acontecimentos que tendem a desestabilizar a sua vida, tais como condições difíceis de sobrevivência ou traumas. As pessoas resilientes conseguem ter um grande sentido de com-

promisso, uma forte sensação de controle sobre os acontecimentos e têm mais abertura para mudanças em suas vidas porque vêem as adversidades como parte da existência humana. Isso não significa que a pessoa saia ileso da situação. Sendo resiliente, um adolescente que assistiu ao pai alcoolatra bater em sua mãe vai ter marcas na sua memória, mas terá robustez suficiente para enfrentar a crise e sobreviver<sup>13</sup>

Os estudos sobre resiliência iniciaram no Atlântico Norte há mais de três décadas e, aos poucos, foram expandidos para outras partes do planeta. Na América Latina, por exemplo, há vários centros que estudam e capacitam profissionais e famílias a lidarem com as situações difíceis pelas quais crianças e adolescentes passam devido a privações, catástrofes, desestabilização familiar e outras. O interesse por parte dos pesquisadores na resiliência das crianças e adolescentes no nosso continente tem evoluído, e os especialistas dizem que é preciso ajudar crianças e adolescentes a serem capazes de reconhecer seu próprio conjunto de recursos e aprender quando e como é melhor aplicá-los.

Lembro que, no século passado, pesquisou-se muito sobre infância e juventude a tal ponto que se tinham verdadeiros manuais de como lidar com estas faixas etárias. Durante a segunda metade do séc. XX, os pesquisadores debruçaram-se a estudar fatores de risco comportamental entre adolescentes. Isso em parte se deve às mudanças culturais em curso, migração do campo para a cidade e rupturas das famílias: os adolescentes e as crianças se tornaram mais vulneráveis às morbidades sociais, entre elas lesões corporais, abuso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, abusos sexuais, gravidez não planejada e outras. Principalmente a adolescência chegou a ser entendida como uma fase patológica em si. Além disso, havia o conflito de gerações, e os jovens queriam o quanto mais cedo possível se ver livre de seus pais. Atualmente observamos que tanto as crianças como os adolescentes não sofrem mais pressões de autoridade como na época de seus pais e avós, mas sofrem pela falta de uma autoridade confiável. No Brasil, os jovens encontram em seus pais, nos seus amigos e no lar ainda um refúgio apesar da crescente desestruturação familiar. Os políticos e a igreja estão entre as instituições menos confiáveis<sup>14</sup>. Conforme Zinnecker,

---

13 Confirma RUTTER, M. **Developing Minds**: Challenge and Continuity along Lifespan. New York: Penguin, 1993; ASSIS, S. et al. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

14 STRECK, 2005.

a juventude tem um papel “inédito” para a modernidade, porque ela se torna “um administrador avançado da realidade existente – sempre em busca de parceiros de aliança confiáveis na realidade social e institucional dada, na qual, afinal, os jovens querem ou ao menos podem integrar-se”. Tanto o estudo Shell 2000-2001 como a pesquisa feita na Renânia da Westfália do Norte de 2001<sup>15</sup>, na Alemanha, mostraram uma geração de adolescentes que tem interesse na confiabilidade das instituições de referência, entre elas a família, a escola, os amigos. Conforme o mesmo autor, isso “leva a questionar a hipótese de que a adolescência é um período rebelde, iconoclasta e renovador”.

Cabe observar que, no início dos anos 90, o Programa de Saúde do Adolescente e projetos afins da Organização Mundial de Saúde (OMS) passa por uma revisão, e novas ações são planejadas. Nesta nova fase acontece algo importante no que se refere à inclusão dos jovens na participação do planejamento e implementação dos programas e políticas sociais que afetam os adolescentes. Entende-se cada vez mais que o adolescente é protagonista no mundo em que vive. Como na década de 90 houve um grande enfoque nas crianças e nos adolescentes, na década atual tem-se a tarefa de exigir mais programas que ajudem os pais, as escolas e as igrejas a promoverem a resiliência dos jovens. É claro que as muitas faces da adolescência devem ser reconhecidas para evitar uma busca de um modelo universal do adolescente como já se tentou no modelo da patologia.

Entre os fatores que podem promover ou destruir resiliência o mais importante é que haja tanto para os adolescentes, como também para as crianças, uma “bolha afetiva” que as envolva no seu cotidiano e que as ajude a dar um sentido ao que acontece no ambiente em que vivem. Muitas vezes os próprios pais ou pessoas importantes no círculo familiar conseguem, nos momentos mais difíceis que enfrentam, colocar uma perspectiva de esperança e até de humor para a situação. Quanto aos vários mecanismos e recursos que promovem resiliência é necessário que estes tenham ou percebam:

- uma relação emocional estável com pelo menos um de seus pais ou com alguma pessoa significativa;
- um apoio social de fora da família;

---

15 ZINNECKER, J. Forschung im sozialen Feld “Jugend”: Deutsche Jugendforschung zwischen Nachkriegszeit und beschleunigter Moderne. **Diskurs**, Deutsches Jugendinstitut, n. 1, p. 7-18, 2003.

- um clima educador aberto e com limites claros;
- modelos que motivem o enfrentamento construtivo;
- responsabilidades sociais dosadas;
- competências cognitivas e, ao menos, um nível intelectual médio;
- características temperamentais que favoreçam o enfrentamento efetivo (por exemplo, flexibilidade);
- experiências de auto-eficácia, autoconfiança e contar com uma auto-imagem positiva;
- as situações estressantes de forma ativa;
- uma significação subjetiva e positiva para o estresse e o enfrentamento, contextualizado-os de acordo com as próprias características do desenvolvimento<sup>16</sup>.

Arrisco afirmar que os adolescentes acham formas de resiliência na internet através dos *blogs*, comunidades, *chats* e e-mails. Se, no mundo real, essa geração não encontra o apoio e o aconchego para dar sentido a suas vidas, encontram-no no mundo virtual. Lá há espaço para contar sobre suas vidas e seus momentos difíceis e, ao mesmo tempo, dar um significado à sua própria existência e sofrimento. Como pessoas nós tendemos a criar narrativas tentando torná-las uma estória sensata e coerente em meio ao caos da vida humana. Cada adolescente conforma sua vida como um tapete onde tece os fios como uma trama e ali mil fios se entrelaçam. Alguns vão compor suas experiências na memória com uma precisão surpreendente, e estas podem se tornar o cerne rígido de sua narrativa pessoal. Outros conseguem fazer com que as experiências ruins não se tornem o núcleo de suas narrativas, mas antes um impulsor em direção a metamorfoses e à construção de novas narrativas. Nos *blogs*, nas comunidades virtuais e redes, os jovens se lêem diariamente e buscam de forma recíproca o que gera uma tendência auto-referencial. Com isso, formam um vínculo real entre seus membros que se constitui num modo de relação social. A possibilidade de contar as narrativas em forma escrita chama atenção especial, e, ao que tudo indica, os adolescentes parece que adoram escrever e não precisam do meio público – no caso, dos editores para tal.

Há vários *sites* de igrejas que oferecem aconselhamento pastoral *on-*

---

16 LÖESERL, F. **Resilience in Childhood and Adolescence**: International Catholic Child Bureau. Geneva, Suíça, 1992.



*line* para seus membros, inclusive para crianças e adolescentes. Em si o aconselhamento *on-line* ainda segue o modelo do aconselhamento tradicional *off-line* ou por telefone, onde temos pessoas que buscam ajuda e o aconselhador. A comunicação em geral acontece por e-mail ou por *chat*. É claro que podemos usar uma *webcam* vendo e ouvindo o outro como se estivéssemos na mesma sala face a face. Entretanto, questiono se este é o único caminho viável. Será que devemos estar lá com os adolescentes nas comunidades virtuais, nos *weblogs* e nos *fotoblogs* ou nas comunidades virtuais? Posso imaginar que a reação dos adolescentes poderia ser uma fuga em massa. A Igreja, que tem suas bases no modelo cultural patriarcal, precisa encontrar caminhos para ser um apoio espiritual para que adolescentes e suas famílias possam enfrentar as crises de maneira construtiva. Não creio que setores da igreja necessitam criar suas próprias páginas especializadas onde só um pequeno grupo seletivo vai entrar. A intenção não é tirá-los e salvá-los do “mundo mau” e levá-los para torres de marfim. Urge, sim, procurar entender o que acontece no mundo virtual que o torna tão significativo para os adolescentes. Lembro o jovem que, ao ler o nome de sua igreja na comunidade virtual, escreveu que estava feliz em ver que ela, a Igreja, estava lá. Arrisco interpretar o comentário dele como uma exclamação de felicidade por sua igreja não ser alheia e isolada do mundo em que eles, os jovens, vivem. E temos que entender que as comunidades virtuais não são mais lugares aonde ir, mas cada vez mais formas de se expressar, de coisas a fazer, de conectar-se com os outros e de entender o seu próprio horizonte. O *cyberspace* não é mais um lugar aonde ir, mas onde as pessoas vivem. Por isso, o aconselhamento pastoral deve ajudar as pessoas a serem igreja também dentro do *cyberspace*.

Muitos têm se preocupado com a privacidade do aconselhamento *on-line*, e sabe-se que estar na internet não é seguro. A *network*, de uma forma quase mágica, descobre o que as pessoas procuram e é capaz de providenciá-lo em tempo recorde. Isso significa que os dados que você coloca na rede desde seus e-mails até outros dados não são mais privados. A previsão para o futuro é que cada vez mais as grandes donas de *sites* como Google, por exemplo, e outras vão ter acesso a nossas vidas, e, certamente, estes dados estarão disponíveis para a economia<sup>17</sup>. Com isso, teremos uma erosão de privacidade com companhias nos espiando e oferecendo os seus serviços. E os nossos adolescentes, sem dúvida, estão desafiando o priva-

---

17 Veja a revista NEWSWEEK, n. 3, p. 44-47, 2006.

do. Eles crescem em um mundo onde sem pudor dão qualquer tipo de informação e certamente serão uma geração de adultos que vai se sentir mais confortável com a falta de privacidade. Eles estarão num mundo onde cada um vai achar a informação sobre o outro que quiser. Será o declínio do homem público onde as subjetividades construídas em torno da vida subjetiva perdem a sua força? O privado deixa de ter o mesmo significado que tinha para a geração dos pais e avós dos adolescentes. Para Hanna Arendt, o privado é entendido de forma diferente pelas gerações e pelas culturas. Quem sabe, a geração dos adolescentes tem um conceito de privado bem diferente do da geração anterior?

Concluindo, podemos dizer que no aconselhamento pastoral *on-line* somos desafiados a reinventar e recriar novas formas de cuidado num mundo que nos é estranho. Urge que as faculdades de teologia e os centros de treinamento em clínica pastoral se atualizem não só com as novas tecnologias, mas também tentem entender a grande mudança cultural em curso, onde as gerações de crianças e jovens encontram novos significados. Em muitos aspectos, as comunidades virtuais se assemelham às comunidades tradicionais, entretanto elas apresentam características próprias, e isso é desafiador. Uma pergunta que se coloca é como a comunidade virtual e a real se complementam e podem se complementar. O que pode ser feito para que uma modifique a outra para que um mundo com mais justiça e fraternidade possa ser criado? Enfim, estas são tarefas que se colocam, e esse, sem dúvida, é um recriar-se no aconselhamento pastoral. Além disso, lembremos que, neste mundo global, cada vez mais cruzamos fronteiras migrando tanto por países como por confissões religiosas. Oxalá o mundo virtual nos possibilite novos caminhos para um aconselhamento pastoral que provoque empoderamento e resiliência a adolescentes, suas famílias e suas redes sociais.

## Referências

- ASSIS, S. et al. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth (Org.). **Riskante Freiheiten**: Individualisierung in modernen Gesellschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.
- BEEHORST, Joachim; DEMIROVIĆ, Joachim; GUGGEMOS, Michael (Org.). **Kritische Theorie im gesellschaftlichen Strukturwandel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. São Paulo: Zahar, 2003.

FINK, J. **How to use Computers in the Clinical Practice of Psychotherapy.** Jason Aronson, 1999.

KRAUS, Ron et al. **Online Counseling: A Handbook for Mental Professionals.** Elsevier, 2004.

LÖESERL, F. **Resilience in Childhood and Adolescence:** International Catholic Child Bureau. Geneva, Suíça, 1992.

MALLEN, M. et al. The Practical Aspects of Online Counseling: Ethics, Training, Technologies and Competency. **The Counseling Psychologist**, v. 33, n. 6, p. 776-818, Nov. 2005.

NEWSWEEK, n. 3, p. 44-47, 2006.

RECUERO, Raquel. RECUERO, Orkut rede social. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body\\_suely\\_2003.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_suely_2003.htm)>.

RUTTER, M. **Developing Minds:** Challenge and Continuity allong Lifespan. New York: Penguin, 1993.

SCHACHTNER, C. **Zukunftsworkshop E-Network:** Kommunikation und Gemeinschaftsbildung in virtuellen Frauen- und Mädchenräumen. Phillipps-Universität Marburg. Klagfurt: Loibnegger, 2004.

STRECK, V. Schmiedt. Jugend im brasilianischen Kontext: Erwägungen über ein neues Forschungsfeld. In: MERKENS, H.; ZINNECKER, Jürgen (Ed.). **Jahrbuch Jugendforschung.** Berlin: Leske e Budrich, 2005. v. 5, p. 273-294.

ZINNECKER, J. Forschung im sozialen Feld "Jugend": Deutsche Jugendforschung zwischen Nachkriegszeit und beschleunigter Moderne. **Diskurs**, Deutsches Jugendinstitut, n. 1, p. 7-18, 2003.